

# **CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA CAMPO DO PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CATALÃO/GO.**

**Rúbia Cristina Duarte Garcia DIAS- UFG/CAC- [ruh.garcia@gmail.com](mailto:ruh.garcia@gmail.com),**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andreia Cristina Peixoto FERREIRA- UFG/CAC**

**[andreia.peixoto.ferreira@gmail.com](mailto:andreia.peixoto.ferreira@gmail.com)**

**Palavras Chave:** Prática Pedagógica; Corpo; Gênero; Sexualidade

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho sistematiza uma pesquisa empírica que vem se dando no contexto da experiência de formação e intervenção pedagógica do PIBID-CAPES/MEC, realizada na Escola Estadual João Neto de Campos, Catalão-GO. Visa-se investigar como as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores/as nas aulas da disciplina Educação Física, atuam/intervêm na construção do corpo/corporeidade no campo da diversidade de gênero e sexualidades na escola. Percorreremos obras no campo das pedagogias críticas e pós-críticas da Educação e Educação Física. Essa pesquisa aponta à demanda da experimentação estética, do diálogo, da comunicação e auto-reflexão crítica nos processos formativos e identitários do corpo na escola.

Partindo do contato com as aulas da disciplina de Educação Física na escola campo do PIBID, seja por observações, observações participantes e intervenção pedagógica, pude envolver-me diretamente com o cotidiano escolar e perceber como vem se dando as relações sociais, em especial, no campo do gênero e sexualidades. A partir de estudos realizados no programa PIBID e desta experiência de intervenção na escola campo, com o olhar de como vem se constituindo estas relações, torna-se de suma importância pesquisar, problematizar e intervir acerca das questões que envolvem corpo e sexualidade nas aulas de Educação Física.

Entendo que todos nós somos diferentes, constituintes e constitutivos de uma cultura, como podemos perceber no seguinte texto:

A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo a um fenômeno individual. E como já

vimos, cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, atribui significados diferentes a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. A cultura, portanto, vai além de um sistema de costumes; é objeto de intervenção humana, que faz da vida uma obra de arte, inventável, legível, avaliável, interpretável. (SECAD/MEC, Curso GDE extensão, p.4)

Como pude observar, através de leituras acerca do assunto, mesmo havendo movimentos sociais, como os LGBT's, e o trabalho de grupos no campo da educação, que buscam elaborar as possibilidades de trabalho pedagógico com a diversidade e sexualidade na escola, ainda assim, as metodologias de ensino acabam, ainda, permanecendo em metodologias no contexto normativo e estereotipado. Como podemos notar a seguir:

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2003, p.45).

Neste sentido, a perspectiva desse trabalho passa por refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na construção do corpo/corporeidades no campo da moral normativa e da ética na construção da sexualidade, entre outros. Pensando com a autora a seguir:

A escola passa a ser observada como um espaço privilegiado para atuar na interiorização de hábitos e valores que pudessem dar suporte à sociedade em construção: uma escola capaz de preparar os indivíduos moral e fisicamente tendo por base educação do corpo, isto é, uma educação suficientemente eficiente na produção de corpos capazes de expressar e exibir os signos, as normas e as marcas corporais da sociedade industrial evidenciando, inclusive, as distinções de classe (GOELLNER, 2003, p. 37).

Buscamos reconhecer as rotinas e procedimentos valorativos e normativos d@s professores/as da escola campo no segundo semestre de 2010.

A análise da prática pedagógica d@ profess@r de Educação Física vem com o intuito de tentarmos analisar os limites da prática docente que dificultam uma ação mais competente, reflexiva e transformadora frente à educação.

Através deste estudo/pesquisa temos a intenção de pensar contribuições sobre a prática pedagógica desenvolvida nas aulas da Escola Estadual João Neto de Campos, no sentido de se tornarem significativas na construção social e pessoal de cada indivíduo, enfatizando a importância de trabalhar a interdisciplinaridades nas aulas de Educação Física através de intervenções pedagógicas realizadas pelos bolsistas do Programa PIBID.

## **2.1 NOTAS INICIAIS ACERCA DAS FONTES: UM ENSAIO REFLEXIVO SOBRE A ROTINA DAS AULAS**

Pudemos visualizar durante nossas intervenções que na Escola Estadual João Neto de Campos, nossa escola campo, não há discussão, ou outro procedimento metodológico relativo ao trato com a diversidade cultural e/ou orientação sexual com os alunos/as, realizada pelos/as professores/as de Educação Física .

Em nosso percurso de intervenção e pesquisa pude verificar que o lugar onde os estranhamentos e violências de gênero e sexualidade ocorrem com maior frequência são as aulas de Educação Física, espaço em que os alunos encontram-se mais livres corporalmente, e durante as atividades e/ou percurso metodológico dos conteúdos, os alunos se relacionam diretamente com o corpo dos colegas, indicando a princípio uma proximidade, em que se sentiriam mais abertos para estabelecer a relação com o outro. No entanto, esta relação não se dá afim de reconhecer e respeitar a singularidade e diferença deste outro, e nem ao menos há, ou pude constatar, a intervenção e/ou mediação do professor durante este processo de intolerância a diversas identidades subjetivas do outro.

A aula de Educação Física ocorre da seguinte forma: Os alunos chegam a quadra, o professor divide os times para que os jogos possam começar, a divisão ocorre por meio do gênero d@s alun@s, onde são formadas duas equipes: a equipe feminina e a equipe masculina. Ocorre somente o jogo desportivo; durante o jogo da equipe masculina, a equipe feminina aguarda o termino do jogo sentada em um banco ao lado da quadra, e vice-versa. Podemos analisar os dados acima citados neste intervalo entre uma equipe e outra.

Esta divisão das equipes mencionadas anteriormente se dá de acordo com o sexo d@ alun@, pois segundo relatos d@s própri@s alun@s e d@ profess@r, as duas equipes não estão preparadas para jogarem junt@s, devido as diferenças corporais e psicomotoras existentes entre os meninos e meninas.

Na turma observada há um aluno que se afirma enquanto homossexual, o mesmo não se dispõe a fazer as aulas, pois afirma: “Ah não, esses meninos são uns cavalões, ficam empurrando e ainda por cima nem passa a bola pra mim.”, diz o aluno a respeito da equipe masculina. Perguntei a ele sobre a equipe feminina, porque então não jogava com elas, já que se sentia mais a vontade para tal, e ele responde: “Ah não, pode”.

O professor fica o tempo todo entre o espaço da quadra e do banco, ele se omite em muitos desses momentos citados acima; a intervenção dele ocorre de forma a silenciar/ocultar as formas de expressões subjetivas do aluno que se coloca enquanto homossexual.

Em diversos momentos podemos de uma forma equivocada julgar a pratica pedagógica adotada pel@ profess@r, como falta de compromisso ou acriticidade d@ educad@r a ser observado, no que se trata a assuntos relacionados a gênero e sexualidade; e como a constituição de sujeito se da através da cultura vivenciada pelo mesmo e como essas marcas são reafirmadas ou adotadas pelo individuo por meio da formação do corpo, como podemos observar na educação física contemporânea.

Porém, uma questão bastante relevante a ser pensada, observada e avaliada é a formação na qual est@ mesm@ educad@r teve acesso em seu percurso de apropriação do conhecimento e se este/a buscou ou busca se “renovar”, transvalorar, por meio da formação continuada de professores. Pois, podemos notar diferenças significativas no que se trata ao currículo dos cursos de graduação (licenciatura) de Educação Física de hoje se comparada a de vinte (20) anos atrás.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao se tratar da Prática Pedagógica do Professor de Educação Física desenvolvidas nesse campo, podemos analisar que no decorrer das aulas

observadas, esta encontra-se um tanto quanto omissa na perspectiva de desconstrução e não reforço de preconceitos e estereótipos.

Neste contexto, é perceptível o papel da instituição escolar e principalmente das aulas de educação física, o qual se encontra em tendencialmente norteadas pelo padrão que seria socialmente “adequado”, ou seja, o da heteronormatividade.

Assim, em nossas considerações reconhecemos a necessidade de continuar investigações e intervenções do programa PIBID acerca de questões sobre a prática pedagógica do professor de Educação Física da Cidade de Catalão- GO.

Garantir que estudos como estes possam contribuir para intervir no estado de preconceito e violência na escola, em especial nas aulas de educação física. Elaborando reflexões e auto-reflexão crítica que possam subsidiar (na segunda fase da pesquisa) a construção de experiências metodológicas na intervenção pedagógica do PIBID

Reconhecemos também, a necessidade de avançarmos na análise das repercussões do silêncio, da falta de mediação e formação a respeito de gênero e sexualidade no reforço das diferenças normativas e padronizadas entre os gêneros e a homofobia, que promovem a exclusão de alun@s.

## REFERÊNCIAS

- DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física/ Lusirene Costa Bezerra Duckur.- Campinas, SP: Autores Associados, 2004.- ( Coleção educação e esporte).
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO (Org) Corpo Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista/Guacira Lopes Louro; 9ª ed. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade- O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In LOURO (Org) Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SOARES, ET AL. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.